



UM SANTO PRETO NO ALTAR: RESISTÊNCIA E PROTAGONISMO EM UM TERRITÓRIO DE DISPUTAS

Alvaci Mendes da Luz

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (Brasil)

Endereço eletrônico: alvaci@gmail.com

Paula Ruas Ferreira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: paularuas@yahoo.com.br

2922

INTRODUÇÃO

Colocar um santo preto no lugar mais alto do altar principal, de uma igreja particular, no centro da capital paulista em fins do século XIX, não foi tarefa fácil para a Irmandade de São Benedito do Largo São Francisco. A cena poderia ser até habitual diante da quantidade de irmandades de pretos¹ (associações de leigos, também conhecidas como confrarias, muito comuns no Brasil deste o período colonial) que ainda existiam naquele período em todo o Brasil Imperial. Contudo, na igreja do Convento de São Francisco, no centro da cidade de São Paulo, o santo siciliano Benedito, invocado como protetor das comunidades negras desde o século XVI, só chegou àquele lugar depois de um longo processo de disputas, resistência e protagonismo da dita Irmandade, grupo este composto majoritariamente por pretos e pretas pobres, escravizados ou ex-escravizados.

Atentos ao contexto social que os envolvia, particularmente àqueles movimentos favoráveis a libertação dos cativos, os irmãos *beneditos* (os membros que compunham a Irmandade eram assim conhecidos) tiveram a coragem audaciosa de tirar São Francisco do altar mor, substituí-lo pelo santo preto, mudar a titularidade daquela igreja e ainda reivindicarem para si a posse daquele espaço físico. Por mais de oitenta anos cuidaram da igreja do Convento, fizeram reformas, construções, festas e enterros no local, transformando aquele lugar em um marco da resistência negra no centro da capital paulista.

Vale lembrar que até o início do século XIX a Igreja e o Convento de São Francisco pertenceram aos frades franciscanos que em 1828 se retiraram da cidade, por

¹ O período do escravismo brasileiro viu o proliferar de inúmeras confrarias católicas, formadas por homens e mulheres das mais distintas classes sociais e cores, escravizados e libertos, brasileiros e estrangeiros.



motivos diversos, dentre os quais o principal deles foi a criação da Faculdade de Ciências Sociais e Jurídicas do Brasil (Faculdade de Direito) no Largo São Francisco. É neste contexto de saída dos franciscanos, de autonomia administrativa da Igreja de São Francisco (pretendida pelos negros) e de lutas abolicionistas em todo o Brasil que se insere a “troca das imagens de santos” da qual abordaremos.

METODOLOGIA

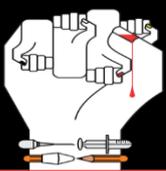
A pesquisa sobre este grupo social se concentrou na análise de fontes originais primárias dos séculos XVIII, XIX e XX – priorizadas pelo caráter inédito que elas apresentavam – referentes à Irmandade de São Benedito e que estão preservadas nos arquivos da Cúria Metropolitana de São Paulo (ACMSP), da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil (APFICB) e da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência da cidade de São Paulo (AOTSFSP), bem como em periódicos em circulação na capital paulista entre meados do XIX e princípio do XX.

A análise destas fontes, por sua vez, priorizou as décadas posteriores a 1850, período em que a historiografia registrou o gradativo declínio das irmandades em todo território nacional. Apesar dos fatores externos já se apresentarem desfavoráveis naquela década às confrarias, a Irmandade instalada na Igreja do Convento de São Francisco gozava de seu momento mais próspero e autônomo. Enquanto cresciam as ideias abolicionistas no país, as fazendas paulistas de café ampliavam sua produção, as fugas de negros para a cidade aumentavam e novas formas de organização social surgiam – como as sociedades literárias, os teatros e as festas de Carnaval –, os confrades² de São Benedito continuavam na agora sua igreja, com as festas do santo preto, as missas solenes e os enterros dos irmãos em jazigo próprio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscou-se trazer aqui um episódio importante da história de uma irmandade de pretos instalada oficialmente no centro de São Paulo desde final do século XVIII.

² Termo muito usual na linguagem religiosa dos períodos colonial e imperial, mas pouco utilizado na linguagem coloquial atualmente. Aparece aqui como sinônimo de “irmão”, uma vez que era deste modo que os membros das confrarias preferencialmente se dirigiam uns aos outros. Algumas ordens, como a dos franciscanos, ainda fazem uso do termo “confrade” para se referirem entre si. O *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* o define como “membro de confraria” ou “colega, companheiro, camarada” (FERREIRA, 2004, p. 522).



Durante longo período se mantiveram sob a tutela dos frades franciscanos e de outros grupos brancos da cidade, até que em meados do século XIX as coisas começaram a mudar. Em 1854 os irmãos pretos assumiram para si as chaves da igreja e a partir daí passaram a ser eles os protagonistas nas obras de reparo do templo, nas festas, nos enterros e nas procissões sob sua total autonomia administrativa. As vizinhas Faculdade de Direito (atualmente Faculdade de Direito da USP) e Ordem Terceira de São Francisco travaram com eles embates e disputas de poder, pois dividiam o mesmo espaço territorial: o Largo de São Francisco. Foram anos em que ambos os grupos reivindicaram a autonomia administrativa sobre aquela igreja local, que, contudo, estava sob a tutela dos pretos de São Benedito.

O episódio político-simbólico, porém, mais relevante em nosso ponto de vista, foi o que ocorreu entre os anos de 1880 e 1900: a troca da imagem do santo principal (aquele que dá nome a igreja e ocupa o lugar mais importante no altar-mor) que era a de São Francisco e foi substituída pelos *beneditos* pela imagem de São Benedito.

Depois das reformas empreendidas logo após um incêndio, ocorrido em fevereiro de 1880, que foram administradas em sua maioria pelos confrades *beneditos*, os anos seguiram cada vez mais próximos do fim do regime escravista no país, e a região do Largo São Francisco se destacou na liderança dos movimentos pro-libertação dos cativos.

Dentro de contextos nacionais e locais, neste período relativamente “favoráveis”³ aos escravizados, os pretos no Largo São Francisco, ao recolocarem seu santo de devoção novamente na agora sua igreja, e sendo apoiados por movimentos abolicionistas que se intensificavam cada vez mais na cidade, resolveram dedicar o lugar mais alto, no altar principal, ao seu patrono. Toda a mobilização externa e interna que ocorria no país nos leva a crer que aquele momento teria sido o mais propício para os *beneditos* assumirem de vez a titularidade de sua igreja e realizarem a famigerada troca de imagens, tão citada pelos historiadores.

³ Os contextos favoráveis aos quais nos referimos são os movimentos abolicionistas que se intensificam no país em meados da década de 1880. Podem ser elencados também: as fugas em massa das fazendas paulistas, a adesão da causa abolicionista nas ruas por grande parte da população, as Províncias que libertavam seus escravizados (Ceará e Amazonas), entre outros. Para saber mais, ver: ALONSO, 2015.



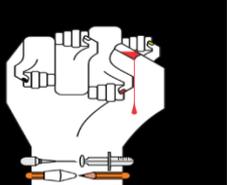
CONCLUSÕES

O estudo sobre a “Irmandade do Glorioso São Benedito da cidade de São Paulo” foi pensado e desenvolvido como possibilidade de contribuição ao debate sobre as confrarias católicas – de modo particular, aquelas compostas por homens e mulheres negras – presentes na capital paulista desde o período colonial. Algumas dessas associações já foram amplamente estudadas e analisadas na historiografia, e a elas pretendeu somar-se esta pesquisa.

Dentre os diversos acontecimentos da história desta irmandade de pretos, destacou-se aqui a citada troca das imagens. Levantou-se a hipótese, com base nas fontes primárias, historiográficas e nos inventários de bens, de que muito provavelmente este evento tenha ocorrido na década decisiva do abolicionismo brasileiro, ou seja, entre 1880 e 1888. Este fato revela, por sua vez, uma sintonia daquele grupo de negros com os acontecimentos locais e nacionais, e como souberam eles se articularem para reivindicar espaços, direitos e oportunidades. Amplamente divulgada por historiadores no início do século XX, a troca de santos no altar principal ocorreu, pelo que tudo indica, dentro de um contexto político-social bem maior do que a pura “violência” dos negros ou o “desleixo dos beneditos”, como afirmaram alguns historiadores décadas depois.

Alocar um santo negro no lugar mais alto do altar, em uma igreja central de São Paulo, deve ter sido no mínimo um ato de resistência e autoafirmação. A imagem de São Benedito, ao longo dos séculos, mudou de lugar algumas vezes dentro da mesma igreja: esteve em um altar lateral nos primeiros anos (século XVII), depois no altar de Santo Antônio, no século XVIII (a contragosto dos confrades), mas nunca esteve no altar principal. Este ato “afrontoso” dos pretos no Largo São Francisco mereceu algumas linhas nas páginas da história da cidade no século seguinte e marcou definitivamente a passagem daquele grupo naquele espaço físico.

Mesmo afetados pelas mudanças que vieram depois da abolição da escravatura, da proclamação da República e das novas leis e imposições restritivas às manifestações da comunidade negra, os confrades adentraram o século XX ainda com certo grau de autonomia e liderança. Por sinal, na última década do século XIX e na primeira do XX, a Igreja do Convento de São Francisco já era amplamente conhecida como Igreja de São Benedito do Largo São Francisco. Os esforços de anos de luta, reformas, obras, festas, investimentos na manutenção do espaço de culto e a troca das imagens parecem ter sido



recompensados no início do século XX. A igreja tornou-se, enfim, de São Benedito com um santo preto no lugar mais alto do altar.

PALAVRAS-CHAVE: Confrarias católicas. Irmandades de pretos. Irmandade de São Benedito. Franciscanos. Convento São Francisco.

REFERÊNCIAS

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Ângela. **Flores, votos e balas:** o movimento abolicionista brasileiro (1868-1888). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ARROYO, Leonardo. **Igrejas de São Paulo:** introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo nas suas relações com a crônica da cidade. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas:** introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019.

CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravatura no Brasil, 1850-1888.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

RÖWER, Frei Basílio. **A Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil nas festas do centenário da Independência Nacional – 1822-1922.** Petrópolis: Vozes, 1922.

A. FONTES DOCUMENTAIS

ARQUIVO DA PROVÍNCIA FRANCISCANA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DO BRASIL.

_____. Inventário das alfaias, móveis e utensílios pertencente a Irmandade de S. Benedito e que estão a cargos do Ir. Procurador e Sacristão estando presente o Secretário, Procurador e Sacristão. 1º de janeiro de 1854. Pasta 15.5. Documentos diversos.

_____. Inventário das alfaias e mais pertences da Irmandade de S. Benedito, recebidos pelo Irmãos Procurador, Sr. Francisco Benedito Ribeiro da Silveira em julho de 1901. Pasta 15.5. Documentos diversos.

_____. Irmandade do Glorioso São Benedito. Livro de receitas e despesas. 1837-1862. Pasta 15.5. Documentos diversos.

_____. Irmandade do Glorioso São Benedito. Livro de receitas e despesas. 1858-1886. Pasta 15.5. Documentos diversos.